

Lucas Queiroz da Silva

Graduando em Arquitetura e Urbanismo pela FAU-UFAL e bolsista PIBIC/CNPQ/UFAL com a pesquisa "Grupos Escolares e Colégios em Maceió", sob orientação de Profa. Dra. Adriana Capretz no RELU (Representações do Lugar).

A ARQUITETURA ULTRAVERTICAL DE DUBAI: O SONHO DE UM SHEIKH

Na década de 1960, a Venezuela, o Irã, o Iraque, o Kuwait e a Arábia Saudita, como forma de reivindicação, limitaram a sua grande distribuição de petróleo, alegando o baixo preço oferecido pelas empresas ocidentais. A criação da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP), por essas cinco nações, deu início a várias atitudes que desencadearam a primeira crise petrolífera. Depois de algumas guerras e conflitos internos, tais países ganharam certa notoriedade no quadro econômico mundial, na mesma medida que mais reservas daquele óleo denso e preto eram sendo achadas em outros países, que logo se filiavam à OPEP.

Essas descobertas foram de extrema importância numa região, indicada na figura 1, pouco conhecida até então: os Emirados Árabes Unidos, composto por Abu Dhabi, Dubai, Sharjah, Ajman, Umm al-Quwain, Ras al-khaimah e Fujairah, que são governados por Emires (do árabe comandante), que também atendem por Xequês (do inglês Sheikh). Por sua vez, na cultura árabe um "xeque" pode ser uma pessoa idosa, um chefe de uma tribo ou uma pessoa comum que conduz os ensinamentos do Islã. Contudo, tal título, no atual contexto, parece apenas designar os "milionários do petróleo". Também pudera, desde que este recurso natural foi descoberto na região, sua economia tem crescido consideravelmente. O Fundo Monetário Internacional (FMI) classifica essa confederação de Emirados como uma das maiores rendas de desenvolvimento econômico, apresentando um dos mais altos PIB per capita do mundo. Os EAU são a sexta maior reserva de petróleo, o que alavanca a economia do país. Os Xequês de cada Emirado, orgulhosos pela sua riqueza, mostram ao mundo toda sua posição econômica ao transformar o espaço urbano do país, às vezes até de forma audaciosa.

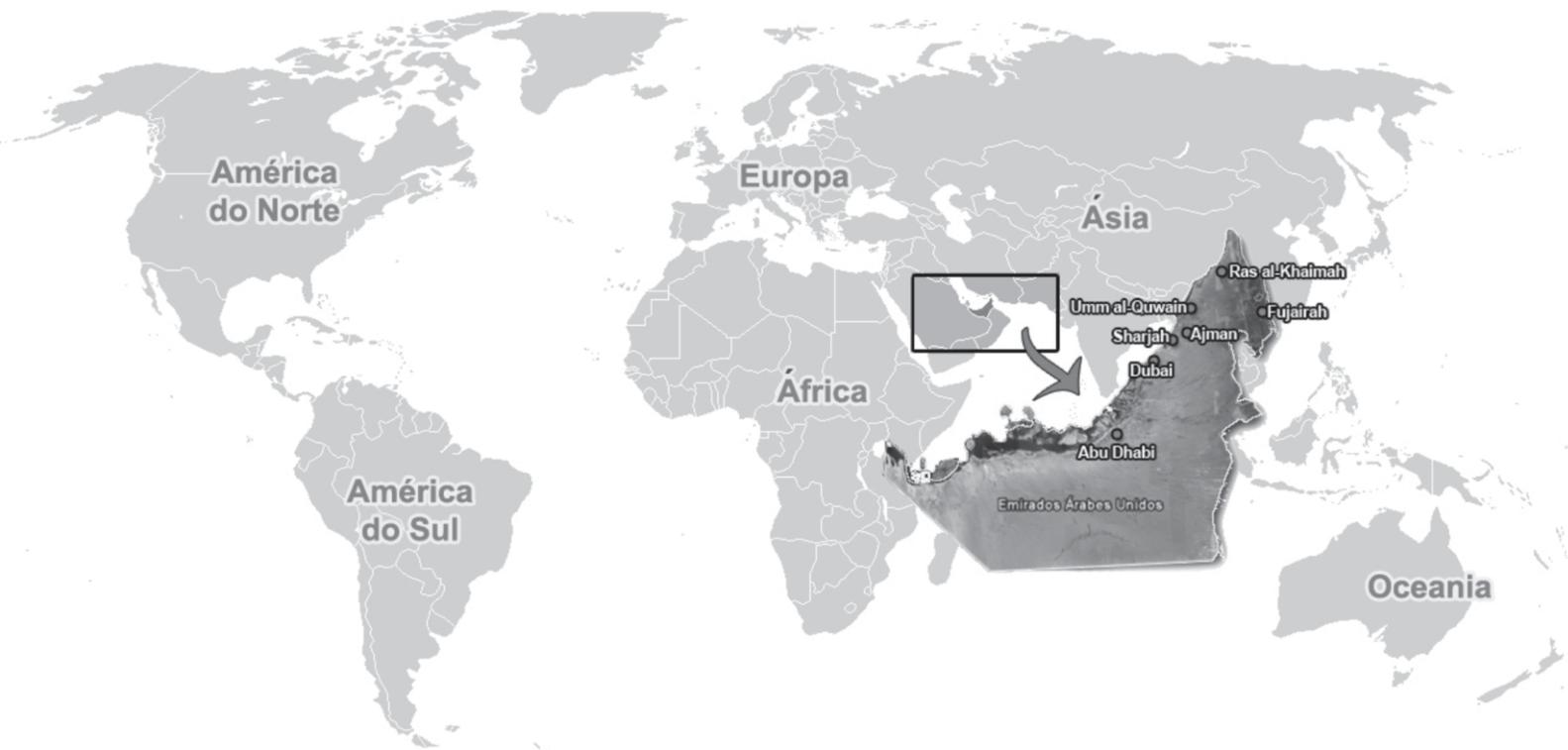


Fig. 1: Indicação dos Emirados Árabes Unidos no mapa, mostrando sua localização na Península Arábica, conhecida por sua riqueza natural de petróleo. Fonte: Google Earth, 2010 (manipulação e montagem do autor).

Na década de 1970, pode-se observar um programa de construções, como escolas, moradias e sobretudo infra-estrutura que modernizaram a região dos Emirados Árabes Unidos. Até aí tudo bem, é natural um país com economia em ascensão transformar seu espaço urbano, almejando a qualidade de vida. Porém, o poder que esse óleo tem dado a estes Emires parece ter subido a suas cabeças, investindo atualmente em prédios pouco funcionais que mal se relacionam com a paisagem.

Para os EAU expressarem ao mundo o seu grande poder econômico, se utilizam de uma fórmula já conhecida, originada nos EUA. Os Estados Unidos da América, depois da implantação do New Deal, precisavam mostrar que sua economia tinha voltado a ser uma das mais fortes, por isso construíram em Nova Iorque prédios que arranhavam o céu, como o edifício Chrysler, que em 1931 atingiu os 319 metros, e o Empire State Building que, na mesma época, alcançou os 381. A materialidade destas construções devolve a noção de “poder” que os EUA sempre se importaram em mostrar.

Vendo que essa fórmula funcionou na prática, os Emirados Árabes Unidos estão investindo nesta vertente específica da “arquitetura da verticalidade”, porém os Xequês islâmicos parecem conhecer bem as dimensões da estratosfera e constroem prédios que realmente aparentam arranhar o céu. O maior do mundo atualmente se localiza em Dubai e se chama Burj Dubai, renomeado depois que o Xequê de Abu Dhabi emprestou dez bilhões de dólares para a construção, passando a se chamar Burj Khalifa. O termo “burj” vem do árabe e significa “torre”. Nada mais adequado para uma vertente arquitetônica que quer comunicar a verticalidade. A partir disto, não só a materialidade do prédio é quem transmite a imagem de “poder”. A palavra “burj” passa a ter uma carga hermenêutica, que também anuncia esta força especificamente árabe.

A Torre Khalifa em Dubai atinge os 818 metros de altura e poderá ser superada por projetos que já ultrapassam os 1000 metros, famoso “um quilômetro”. A construção do Burj Dubai custou 20 bilhões de dólares aos bolsos oleosos dos Emires e custa mais ainda ao Planeta. O gigante consome cerca de 1 milhão de litros de água por dia e 10 mil toneladas de gelo para suprir o sistema de ar-condicionado, necessário pela ineficiência

energética do prédio e suas vedações em vidro. Além disso, uma das diretrizes da sustentabilidade na construção civil é o baixo impacto ambiental do canteiro de obras e o uso racional dos materiais construtivos, contudo, a quantidade de aço e concreto, que foi necessária para tornar estável a estrutura, daria para construir uma ponte que cobrisse um quarto do planeta Terra.

O ponto principal desta crítica não é sobre a inimizade do Burj Dubai com os aspectos ambientais, e sim sobre a verdadeira relação da arquitetura com o espaço urbano, sobre o sonho de uma ordem, que se faz inexistente nessa produção. A volumetria da torre é composta por formas semelhantes aglomeradas que tendem a desaparecer à medida que o prédio cresce, para poder driblar o vento, criando uma forma cônica em sua totalidade. São vários prédios cilíndricos “amarrados” uns aos outros, que se empilham para ganhar visibilidade vertical. Se cada uma dessas partes fosse agenciada no plano horizontal pouco habitado, haveria um melhor aproveitamento do espaço urbano, ao criar áreas ao ar livre que se relacionam com o habitante, promovendo um melhor contato entre a produção arquitetônica e urbana. A busca pela ordem entre estas duas grandezas resultaria em “subprédios” e espaços públicos relevantes na qualidade de vida da região, tornando o investimento um complexo de caráter urbano.

Fig. 2: Burj Dubai (ou Burj Khalifa) exibindo todo seu poder sobre o skyline pouco habitado de Dubai. A imagem ainda mostra a imponência de sua escala, onde prédios vizinhos de 300 metros parecem anões.
Fonte: <<http://www.burjkhalifa.ae>>



Bernardo Secchi é um dos teóricos do Urbanismo que defende a cidade contemporânea como um mecanismo transformado sobretudo pelas práticas sociais. Então, é imperativa a qualidade do espaço urbano, para propiciar bem-estar, sensibilidades e boas condições para as atividades diárias do homem, que irão alterar e renovar o lugar habitável (Renovatio urbis). Por sua vez, a Arquitetura tem o papel importante de criar paisagens coerentes e envolver-se à cidade, não concorrendo nem agredindo a ordem do espaço. A interseção entre a arquitetura e a cidade resulta em lugares habitáveis, onde as atividades sociais darão vida e importância a estes lugares. O melhor aproveitamento do espaço urbano se faz ineficiente na produção do Burj Dubai, e sua paisagem ganha importância pela sua soberba e imponência e não por uma adequação às práticas sociais.

Com a transformação do Burj Dubai em cinco prédios menores, certamente seu fluxograma funcionaria melhor, do mesmo modo que o zoneamento de setores seria dividido melhor, promovendo comodidade e privacidade aos usuários das residências que, nesta atual situação, se encontram misturadas a hotéis, escritórios e casas de máquina em diversos pavimentos alternados. Portanto, este ordenamento do espaço lhe permitiria um maior controle e dinamismo. O prédio não busca uma ordem clara nem um verdadeiro motivo para se fazer alto, já que os EAU não apresentam inchaço populacional, sendo de seu objetivo decorar a paisagem com o orgulho dos Emires, que investiram bilhões de barris de petróleo em seu mimo. A apreensão do prédio não se dá primeiramente pela sua plasticidade, e sim, por uma escala opressora que logo comunica o poder dos Emirados Árabes Unidos e a ostentação das “Construções do Sheikh”. Logo, a torre recusa a relação com o homem, quando a altura demasiada do edifício faz os vizinhos de 300 metros parecerem anões e o contemplador, uma formiga.

Portanto, a vertente da Arquitetura ultravertical possui dificuldade em atender a preocupações contemporâneas como sustentabilidade e a qualidade do espaço habitável e urbano. Apoderando-se principalmente do avanço tecnológico na construção civil, os Emirados Árabes Unidos investem em obras verticais quilométricas, sugerindo uma pretensão primária de comunicar a mensagem de “poder”. Deixa-se de lado o sonho de uma ordem e de uma arquitetura contemporânea realmente inteligente, se tornando, do ponto de vista do autor deste artigo, apenas uma “Construção do Sheikh” baseada na manifestação do luxo. 

REFERÊNCIAS:

MAYO, Anthony; NOHRIA, Nitin. Da crise do petróleo à internet. São Paulo: Campus, 2002.

CAMARGO-MORO, Fernanda. Mar das pérolas: Dubai e os Emirados. Rio de Janeiro: Record, 2008.

VIEIRA, José Júlio Rodrigues. Monadnock Building: conciliação entre boa arquitetura e especulação imobiliária. Vitruvius – Arqutextos, São Paulo, n. 76, set. 2006. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arqutextos/07.076/321>>. Acesso em: 14 jul. 2010.

SUPERINTERESSANTE. São Paulo: Abril, n.268, Agosto de 2009.

RETTO JUNIOR, Adalberto da Silva; TRAFICANTE, Christian. Bernardo Secchi. Entrevista, São Paulo, 05.018, Vitruvius, abril de 2004. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/entrevista/05.018/3330>>. Acesso em: 15 jul. 2010

SECCHI, Bernardo. A Cidade do Século XX. São Paulo: Perspectiva, 2007.

